

COSMOVISÃO MACHISTA E VIOLÊNCIA ESTRUTURAL EM *SÃO BERNARDO* DE GRACILIANO RAMOS

PATRIARCHAL WORLDVIEW AND STRUCTURAL VIOLENCE IN *SÃO BERNARDO* BY GRACILIANO RAMOS

 <https://doi.org/10.63330/armv1n6-015>

Submetido em: 08/08/2025 e Publicado em: 25/08/2025

José Dalvo Neves Alcântara Neto

Pós-Graduado em Literatura Brasileira

Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: Netoalcantara22@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3075036099455228>

RESUMO

O presente artigo realiza uma análise crítica da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, enfocando a narrativa autobiográfica de Paulo Honório como instrumento revelador dos mecanismos de poder, violência, alienação intelectual e cosmovisão patriarcal presentes na sociedade brasileira da primeira metade do século XX. A partir da perspectiva de autores como Foucault e Deleuze, o estudo demonstra como o poder opera de forma difusa, articulando dominação simbólica e práticas discursivas que sustentam a brutalidade do protagonista. A violência, longe de se restringir ao plano físico, configura-se como técnica estratégica de controle, afetando subjetividades e silenciando resistências. No contexto da relação com Madalena, a mulher é convertida em objeto de posse, evidenciando um processo de “coisificação” que culmina em sua morte. Assim, Paulo Honório representa não apenas um agente violento, mas o produto de uma estrutura que legitima a exclusão e a repressão. A autobiografia do personagem revela-se, por fim, como um espaço de confissão amarga, onde o fracasso humano se torna síntese da desumanização promovida pelo poder.

Palavras-chave Graciliano Ramos; *São Bernardo*; Paulo Honório; Violência; Cosmovisão.

ABSTRACT

This article presents a critical analysis of the novel *São Bernardo* by Graciliano Ramos, focusing on the autobiographical narrative of Paulo Honório as a revealing instrument of the mechanisms of power, violence, intellectual alienation, and patriarchal worldview embedded in Brazilian society during the first half of the twentieth century. Drawing on perspectives from authors such as Foucault and Deleuze, the study demonstrates how power operates diffusely, through symbolic domination and discursive practices that reinforce the protagonist's brutality. Violence, far from being restricted to physical acts, is structured as a strategic technique of control, affecting subjectivities and silencing resistance. Within his relationship with Madalena, the woman is turned into an object of possession, highlighting a process of reification that culminates in her death. Thus, Paulo Honório is portrayed not only as a violent agent but also as a product of a system that legitimizes exclusion and repression. His autobiographical narrative emerges as a space of bitter confession, where personal failure becomes a reflection of the dehumanization wrought by power.

Keywords: Graciliano Ramos; *São Bernardo*; Paulo Honório; Violence; Worldview.



1 INTRODUÇÃO

A obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos (2000),¹ constitui um retrato incisivo da alienação intelectual, da brutalidade como instrumento de poder e da cosmovisão patriarcal que permeia a trajetória do protagonista Paulo Honório. Narrada em primeira pessoa, sua autobiografia desvela uma construção de si pautada na dominação, na astúcia e na insensibilidade afetiva, revelando as marcas de uma sociedade marcada por desigualdades, repressão e violência simbólica.

Ao revisitar sua trajetória, Paulo Honório revela não apenas suas ações, mas o impacto devastador delas sobre os indivíduos que cruzaram seu caminho, especialmente sobre Madalena, vítima do autoritarismo que sustentava sua lógica de mundo. A relevância deste estudo para a comunidade acadêmica reside na possibilidade de diálogo interdisciplinar entre literatura, filosofia e ciências sociais.

Por meio das leituras de Foucault (2008) e Deleuze (2005), torna-se possível compreender como a narrativa da obra opera como espaço de produção de saber e de poder, onde a violência é naturalizada e os discursos legitimadores da opressão são postos em evidência. Além disso, a análise sobre a “coisificação” da mulher, a partir da personagem Madalena, contribui para as discussões sobre gênero e subjetividade no campo das letras e das humanidades.

A questão norteadora que guia a reflexão ao longo do estudo trata da forma como a autobiografia de Paulo Honório expõe os vínculos entre alienação intelectual, violência como prática de poder e a reificação das relações sociais, evidenciando um modelo autoritário e patriarcal de sociedade.

O objetivo geral é investigar como a escrita autobiográfica de Paulo Honório revela os mecanismos que sustentam sua formação alienada, sua lógica de dominação violenta e a instrumentalização das relações humanas, especialmente nas dimensões do poder e da subjetividade feminina.

Entre os objetivos específicos, destacam-se compreender como o conhecimento utilitário molda Paulo Honório como sujeito insensível e pragmático; analisar as estratégias de violência física, simbólica e psicológica empregadas por ele para manter sua hegemonia; e evidenciar o processo de desumanização da mulher por meio da relação abusiva com Madalena, demonstrando o impacto subjetivo e estrutural dessas práticas.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativo, voltada à análise crítica de obra literária. A abordagem qualitativa permite compreender os significados

¹ Edição 2000. 69ª Tiragem. Editora: Record.



simbólicos e discursivos presentes na narrativa de São Bernardo, articulando literatura, filosofia e ciências sociais.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.2.1 Corpus de Análise

O corpus principal da pesquisa é o romance São Bernardo, de Graciliano Ramos (2000), cuja narrativa autobiográfica de Paulo Honório é examinada como expressão de uma estrutura social marcada por violência simbólica, dominação patriarcal e alienação intelectual.

2.2.2 Técnicas de Análise

A análise textual foi conduzida por meio da hermenêutica crítica, com base em referenciais teóricos de Michel Foucault (2008; 1995) e Gilles Deleuze (2005), que possibilitam compreender o poder como prática difusa e relacional. A técnica consistiu na identificação de trechos significativos da obra que evidenciam práticas de dominação, violência estratégica e reificação da mulher.

2.2.3 Instrumentos e Fontes

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa: - Leitura e interpretação de trechos selecionados da obra literária - Consulta a artigos acadêmicos, teses e livros teóricos sobre poder, violência e gênero - Referenciais filosóficos e sociológicos que dialogam com a narrativa, como Foucault, Deleuze, Osterne, Lorenzini e Moreira et al.

2.2.4 Critérios de Seleção e Organização

Os trechos da obra foram selecionados com base em sua relevância para os eixos temáticos da pesquisa: - Alienação intelectual - Violência como técnica de poder - Cosmovisão patriarcal e “coisificação” da mulher A organização dos dados seguiu uma estrutura temática, permitindo a articulação entre texto literário e teoria crítica.

2.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica e interpretativa, não houve envolvimento direto com seres humanos. No entanto, o estudo respeita os princípios éticos da produção acadêmica, com rigor na citação das fontes e compromisso com a integridade intelectual.



3 A IGNORÂNCIA E A LIMITAÇÃO INTELECTUAL DE PAULO HONÓRIO

Paulo Honório nunca se interessou por literatura ou ciência, pois sua vida girava em torno da administração da fazenda São Bernardo. Ainda assim, decidiu escrever um livro, inicialmente concebido como uma obra não biográfica, mas rejeitada por editores. Sem experiência na escrita, para escrever o tal livro, buscou ajuda de amigos mais esclarecidos, que, compreendendo sua limitação, aceitaram colaborar nesse projeto. Entretanto, sua visão pragmática e impessoal dificultava a transformação de sua experiência em narrativa.

Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Godim, redator e diretor do *Cruzeiro*. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria meu nome na capa. (RAMOS, 2000, p. 05).

Nesse sentido, Nobrega e Santos, (2012, p. 02), “Paulo Honório, o fazendeiro que quer escrever um livro, narrador-personagem,” com isso, ao longo de sua trajetória, ele alcançou sucesso por meio de manipulação, falsa moralidade e da exploração impiedosa de homens, mulheres e crianças, sempre agindo em benefício próprio.

Entretanto, ao considerar a repercussão de seu relato, Paulo Honório sente receio, pois inicialmente não se via capaz de expor sua vida aos amigos que haviam se disposto a ajudá-lo. Com essa inquietação, percebe que seria mais vantajoso escrever sem a interferência dos colaboradores, garantindo total liberdade para narrar sua crueldade. Assim, ao revisitar sua trajetória sob sua própria ótica, começa a reconhecer, mesmo que tardiamente, as atrocidades que cometeu.

Afinal, foi bom privar-me da cooperação de Padre Silvestre, de João Nogueira e do Godim. Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu, naturalmente me chamarão potoqueiro. (RAMOS, 2000, p. 08).

No caso, Nobrega e Santos, (2012, p. 03) destacam ainda que “o narrador começa a contar sua história dois anos após a morte de Madalena”. O receio de Honório em relação à sua própria história está diretamente ligado à consciência de que sua trajetória não foi gloriosa, mas marcada por episódios vergonhosos.

RAMOS (2000, p. 09) destaca que Paulo Honório, apesar de sua ampla experiência em áreas como agricultura, pecuária, escrituração mercantil e estatística, reconhece sua completa ignorância quando se trata de literatura e conhecimento intelectual.

Sua busca incansável por riqueza o impediu de desenvolver qualquer senso crítico ou intelectual ao longo de sua trajetória de acumulação de bens, como terras, plantações e animais. Seu maior objetivo era a



conquista da fazenda São Bernardo, e essa dedicação obsessiva à posse e ao poder o afastou de qualquer interesse na formação.

Não obtive, porque elas não me tentavam e porque me orientei num sentido diferente. O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. (RAMOS, 2000, p. 09).

Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde. (RAMOS, 2000, p. 09).

Assim, Paulo Honório inicia a escrita de sua obra revelando seus defeitos, contrastando com a imagem de homem de negócios respeitável que construiu ao longo da vida. Sua vaidade empresarial reforça seu desprezo pelos pobres, como destaca Ramos (2000, p. 11): “Sou, pois, iniciador de uma família, o que, se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinários escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos eu vão trempando.”

Paulo Honório acredita que o verdadeiro valor estava na acumulação de bens, e não nas relações familiares ou sociais, refletindo sua visão materialista e alienada da realidade dos menos privilegiados. Por conta de suas iniquidades e da falta de discernimento, Paulo Honório revisita sua memória e relembra um de seus erros do passado. Em sua juventude, teve um desafeto amoroso ao se apaixonar por Germana, que acabou se envolvendo com outro homem.

Consumido pela fúria, Paulo Honório atacou seu rival, João Fagundes, desferindo-lhe uma facada, o que resultou em sua prisão e violências que sofreu enquanto detido. Esse episódio destruiu não apenas sua própria vida, mas também a de João Fagundes, que carregou as consequências da agressão, e de Germana, que viu seu destino ser marcado pela tragédia e pela ruína.

A falta de pudor e a grosseria na formação de Paulo Honório refletiam sua busca por poder e conhecimentos estritamente utilitários, como aritmética e administração, sempre sem crítica, sensibilidade ou empatia. Desde cedo, guardava mágoas e procurava prejudicar aqueles que lhe causavam algum dano, recorrendo a qualquer meio para garantir sua vantagem.

Um exemplo claro disso é o empréstimo concedido por Pereira à Paulo Honório. Embora tenha pago os juros, decidiu se vingar, forçando Pereira a hipotecar sua casa em seu favor. Esse episódio evidencia ainda mais sua deslealdade e sua disposição implacável para passar por cima de qualquer um, sem escrúpulos, visando seus próprios interesses sem medir as consequências.



Nesse tempo eu não pensava mais nela, pensava em ganhar dinheiro. Tirei o título de eleitor, e seu Pereira, agiota e chefe político, emprestou-me cem-mil-réis a juro de cinco por cento ao mês. Paguei os cem-mil-réis e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento. Daí não baixou mais, e estudei aritmética para não ser roubado além da conveniência. De bicho na capação (falando com pouco ensino) espernei nas unhas do Pereira, que me levou músculos e nervos, aquele malvado. Depois vinguei-me: hipotecou-me a propriedade e tomei-lhe tudo, deixei-o de tanga. Mas isso foi muito mais tarde. (RAMOS, 2000, p. 12)

Contudo, ao narrar sua vingança contra o agiota Pereira, Paulo Honório expõe com brutal franqueza a essência de sua formação: uma inteligência moldada exclusivamente para a conquista material, destituída de qualquer lastro ético, crítico ou sensível.

Em seu relato, aritmética e administração não são saberes para compreender o mundo, mas instrumentos para extrair dele o máximo proveito, custe o que custar. O episódio da hipoteca revela não apenas sua esperteza calculista, mas também sua alienação intelectual, já que sua relação com o conhecimento se limita ao que pode ser usado para explorar ou dominar.

No que pese a noção de ciências exatas de Paulo Honório e o senso crítico e social através de sua formação administrativa, Francelin (2004, p. 28) defende que a ciência se tornou técnica e fechada em si mesma, afastando-se das reflexões filosóficas e do sentido humano do mundo. Essa linha de raciocínio se manifesta na cosmovisão de Paulo Honório, que se mostra incapaz de perceber o mundo real e social. Sua experiência de vida, moldada por desejos e ambições pessoais, limita sua leitura da realidade, fazendo-o enxergar apenas aquilo que sua visão gananciosa e restrita lhe permite.

Referente a isso, ao decidir escrever sua história, Paulo Honório confronta, ainda que tardiamente, a dimensão humana que sempre negligenciou — e essa consciência amarga se transforma num testemunho de suas iniquidades. Sua trajetória de violência, ganância e vaidade se articula em uma narrativa crua, marcada pela ausência de empatia e pela lógica da posse. O reconhecimento de suas falhas, mesmo que tardio, dá à obra um tom de confissão amarga, encerrando não apenas o capítulo, mas uma vida que se construiu às custas da ruína alheia.

4 DOMINAÇÃO DIFUSA E VIOLÊNCIA ESTRATÉGICA EM SÃO BERNARDO

Nóbrega e Santos, (2012, p. 02) evidenciam que “A violência está presente desde as primeiras aparições de Paulo Honório na obra *São Bernardo*, evidenciando que, para ele, o poder se manifestava tanto na posse de dinheiro quanto na imposição da força e astúcia sobre seus oponentes.

Visto isso, enganar os outros lhe proporcionava uma sensação de superioridade e domínio quando ele próprio era enganado, reagia com brutalidade. A partir do início da obra, já se esboçam alguns traços identitários do personagem principal: o autoritarismo, a determinação, a censura, a pressa de conquista e, sobretudo, o desejo de poder.



Para impedir conflitos e revoltas de seus dominados, Paulo Honório tenta, por meio da censura, ocultar os sinais de oposição às normas implantadas na fazenda que possam revelar a verdadeira natureza do seu sistema de exploração. Para defender seus interesses e garantir a manutenção da ordem, uma das atitudes tomadas por ele é a punição dos subversivos pelo emprego da violência, medida eficaz para um ambiente coletivo, porquanto intimida e dá o exemplo a todos. (GONÇALVES, 2012, p. 47)

O trecho destaca a forma como Paulo Honório exerce seu poder de maneira autoritária e opressiva. Ele censura qualquer oposição para impedir revoltas, ocultando vozes dissidentes que possam ameaçar a ordem que impôs. Sua liderança se baseia na violência como ferramenta de controle — não para restaurar a paz, mas para intimidar e punir, demonstrando força como forma de manter sua posição.

A punição pública e a agressividade são métodos que ele usa para gerar medo, criando um ambiente em que todos ao redor se sentem coagidos a obedecer. O silêncio e a submissão dos dominados não são consequência de respeito, mas do terror instaurado. Assim, a figura de Paulo Honório se impõe como símbolo de uma autoridade brutal, que busca conservar o poder por meio da intimidação e da força física, revelando a essência exploradora e desumana de seu sistema de dominação.

Essa dualidade revela sua hipocrisia: não tolerava ser enganado, mas recorria constantemente à manipulação e à violência para impor sua vontade, demonstrando que, quando não conseguia o que desejava, a força era seu último e mais temido recurso.

O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes, andei, virei, mexi, procurei empenhos – e ele duro como beira de sino. Chorei as minhas desgraças: tinha obrigação em penca, aquilo não era trato, e tal, enfim, etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão, grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para a fazenda caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos-de -raposa. -Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa. (RAMOS, 2000, p. 13)

Ainda nesse episódio, Paulo Honório, tomado pela fúria, ameaçou o doutor Sampaio de morte caso não fosse ressarcido em trinta e seis contos de réis, advertindo que o faria sangrar imediatamente se não recebesse o pagamento.

Ao garantir o recibo, agradeceu de forma seca e, temendo uma possível retaliação futura, deixou claro sua disposição violenta ao declarar: “Adeus. E não me venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro cachorro doido e o senhor morre na faca cega.” (RAMOS, 2000, p. 13).

Paulo Honório, ao manipular e enganar os outros personagens para se impor, representa uma forma difusa e estratégica de exercício do poder. Sua ascensão não se dá por uma dominação direta e brutal, mas por práticas sutis que revelam uma lógica de poder disseminada nas relações cotidianas.

Em diálogo com Foucault (2008), podemos compreender que o poder não deve ser visto como um fenômeno concentrado nas mãos de alguns, mas como algo que circula, é produzido e reproduzido nas



interações sociais. Paulo Honório não oprime somente por força, mas também por astúcia — mostrando que o poder não está apenas em quem comanda, mas também em quem consegue se mover pelas estruturas, mesmo à margem delas.

“não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder — desde que não seja considerado de muito longe — não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 2008, p. 183).

No contexto da ficção literária, Paulo Honório representa uma figura que performa os mecanismos do poder tal como descritos por Foucault (2008). Seu domínio não se estabelece por uma autoridade institucionalizada, mas sim por meio de práticas discursivas impregnadas de astúcia e charlatanismo.

O poder que Paulo Honório constrói em *São Bernardo* não emerge como uma entidade estável ou monopolizada; ao contrário, ele se instaura a partir de situações concretas e circula nas interações cotidianas, revelando sua natureza difusa e capilar.

De acordo com Faria (Apud Ramos e Faria, 2013, p. 03) “Poder é a capacidade de um grupo social ou político de impor seus interesses específicos, mesmo diante de resistência, independentemente do nível estrutural que sustenta essa força.”

Nesse sentido, na obra *São Bernardo*, Paulo Honório representa o poder como imposição violenta de interesses, alcançando bens materiais por meio da força e da dominação. Sua trajetória evidencia como a violência — física, simbólica e emocional — é usada como instrumento de poder, revelando os custos humanos de uma autoridade construída sobre o controle e a repressão.

Essa compreensão foucaultiana permite perceber que o poder está presente onde há relações, mesmo nas mais triviais, e não apenas em estruturas formais de dominação. Por esse motivo, Paulo Honório despreza a vida humana dos menos favorecidos e de seus opositores: sua lógica de poder o leva a instrumentalizar pessoas, subordinando-as à sua vontade, como forma de consolidar sua posição social e simbólica.

[...] pode perfeitamente suscitar tanta aceitação quanto se queira: pode acumular as mortes e abrigar-se sob todas as ameaças que ele possa imaginar. Ele não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita, ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.



Nesse caso, a partir da concepção de poder como prática relacional e difusa Foucault, (1995, p. 243), é possível compreender a violência de Paulo Honório em *São Bernardo* como um instrumento estratégico que ultrapassa a mera força física.

Seu comportamento autoritário e coercitivo não se limita à opressão direta, mas está enraizado em mecanismos sociais que o autorizam a agir sobre os outros, moldando suas condutas e silenciando resistências. A violência, nesse sentido, opera como técnica de governo e controle, inserida nas dinâmicas cotidianas e nas estruturas simbólicas que o personagem ocupa.

Paulo Honório era a personificação da força e da violência, já que em nome do sentimento de posse, acreditava poder fazer tudo o que era necessário. No seu campo de visão, só entrava o que lhe rendesse vantagem ou lucro, sua profundidade produz um efeito de curiosidade ao leitor, que tenta, a todo momento, decifrá-lo. (SANT'ANA, 2021, p. 27).

Sob a ótica de Deleuze (2005), Paulo Honório é a figura que encarna o poder como atributo: ele se diferencia dos demais não apenas por sua posição econômica, mas pela sua capacidade de afetar, ordenar e excluir, evidenciando o desequilíbrio entre dominantes e dominados. Sua brutalidade é parte de um projeto de dominação que não se realiza de forma estática, mas constantemente se renova por meio de discursos, práticas e relações interpessoais.

[...] [Foucault nos mostra que] o poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é um conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta (DELEUZE, 2005, p. 37).

Diante da análise do comportamento de Paulo Honório em *São Bernardo*, nota-se como o poder não se manifesta de forma única ou centralizada, mas sim por meio de múltiplas estratégias e discursos naturalizados. A sua violência e dominação são sustentadas por um saber que legitima práticas excludentes e autoritárias, moldando uma estrutura que silencia e subjuga os demais personagens.

No universo de Paulo Honório, o poder se revela como resistência pela força e como persuasão agressiva sustentada não apenas pelo discurso, mas pela prática da oralidade intimidadora. Seu domínio se impõe através do medo, especialmente sobre os mais vulneráveis e menos esclarecidos, explorando tanto a maldade e o egoísmo quanto as fragilidades sociais alheias, visto que “o poder não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que ‘não têm’; ele os investe, passa por eles, e através deles; apoia-se neles, por sua vez nos pontos em que ele os alcança” (FOUCAULT, 1975, p. 29).

A perspectiva foucaultiana de poder aplica-se também à construção literária de Paulo Honório, em *São Bernardo*, onde saber e poder se entrelaçam para legitimar sua dominação. Seu discurso se ergue como verdade absoluta, silenciando outras vozes e reafirmando sua centralidade narrativa. Dessa forma, a obra



evidência como relações de força se perpetuam pela produção de verdades convenientes, revelando a complexidade e a capilaridade do poder nas dinâmicas sociais.

Ele não é em si mesmo uma violência que, à vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é o conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p.243).

Ao abordar o conceito de poder, Foucault o descreve como uma forma de interferência nas ações alheias, uma prática que estrutura os possíveis caminhos de decisão dos indivíduos — no que ele denomina “governo”, entendido em seu aspecto mais amplo como condução das condutas humanas por outros seres humanos.

Dentro dessa perspectiva, a presença da liberdade é central: ela não está ausente nas dinâmicas de poder, mas é condição para que essas relações se estabeleçam. Com isso, Foucault não retrata os sujeitos como meros alvos passivos da opressão, mas como agentes capazes de atuar e reagir. Essa leitura amplia o entendimento das relações de poder, incorporando a possibilidade de resistência como elemento essencial da análise.

Por isso, Paulo Honório, figura central de *São Bernardo*, encarna uma forma de poder marcada pela imposição e pela violência emocional. Sua autoridade não se limita à administração da fazenda, mas se estende à dominação das pessoas ao seu redor — sobretudo Madalena, cuja liberdade e autonomia são sufocadas por sua brutalidade silenciosa.

A trajetória do personagem revela que seu poder é, acima de tudo, um mecanismo de controle, construído à custa da afetividade e da empatia. Ao final, resta o vazio de quem venceu pela força, mas perdeu pela ausência de humanidade. Sua obsessão por propriedade e comando não lhe trouxe paz, apenas o silêncio de uma vida sem laços verdadeiros. É o retrato amargo de um homem que confundiu poder com plenitude.

5 A FAZENDA COMO ESPÓLIO DA VIOLÊNCIA: O CAPITAL SOBRE A HISTÓRIA

Depois de viajar por outras terras, Paulo Honório chega ao município de Viçosa, Alagoas, como descreve Graciliano Ramos (2000, p. 14), existia a fazenda São Bernardo, marcada pela falta de prosperidade. Seu proprietário, Salustiano Padilha, trabalhava arduamente para financiar os estudos do filho, Luís Padilha, na esperança de que ele obtivesse um diploma de doutor—um sonho que jamais se concretizaria, pois Luís era um jovem indiferente aos estudos e sem qualquer ambição acadêmica.

Com a morte de Salustiano, a fazenda passa para Luís Padilha, que, desinteressado na administração da propriedade, desperdiça dinheiro com bebida e jogos. Percebendo essa fragilidade, Honório aproxima-



se do novo herdeiro e constrói uma relação de amizade. Convidado para uma festa na fazenda São Bernardo, observa atentamente o comportamento de Luís, identificando sua irresponsabilidade e sua tendência a buscar empréstimos.

Oportunista e calculista, Paulo Honório enxerga grande potencial na fazenda e, aproveitando-se da falta de perspectiva de Luís Padilha, concede-lhe um empréstimo. Durante as conversas, ele investiga os planos do herdeiro para a propriedade e percebe que Luís não demonstra o menor interesse pela fazenda. Esse desleixo abre caminho para que Honório vislumbre sua chance de adquirir São Bernardo e consolidar sua ascensão.

Ao sobrecarregar Padilha com dívidas, Paulo Honório o coloca em uma posição desfavorável, obrigando-o a assumir pendências financeiras oriundas de empréstimos concedidos pelo próprio Paulo Honório. Com o objetivo de adquirir a fazenda e influenciado por conselhos desastrosos de Paulo Honório, Padilha se vê sem alternativas. Assim, não lhe resta outra saída senão negociar a fazenda São Bernardo para quitar o débito.

- Acabado o quê, meu sem-vergonha! Agora é que vai começar. Tomo-lhe tudo seu cachorro, deixo-o de camisa e ceroula. O presidente honorário do Grêmio Literário e Recreativo assustou-se: - Tenha paciência, seu Paulo. Com barulho ninguém se entende. Eu pago. Espere uns dias. A dívida só é um para quem deve. (RAMOS, 2000, p. 22)

Da mesma forma que agiu com Pereira, ainda no início de sua autobiografia — lançando mão de uma cobrança impiedosa, desprovida de sensibilidade ou humanidade, movida exclusivamente pelo benefício próprio e marcada por resquícios de crueldade e violência —, Paulo Honório também procedeu com Padilha.

Por isso, não tardou em solicitar a Padilha o preço pelas terras de São Bernardo. Para Padilha, a fazenda não possuía valor econômico significativo — tratava-se, antes, de uma terra de estima, carregada de memórias profundamente enraizadas em sua cultura. Ciente da insistência implacável de Paulo Honório que o advertiu: as terras eram inférteis, pouco lucrativas, e cabia a ele o dever de alertá-lo de que sua aquisição não lhe traria os frutos esperados. Padilha teria ainda o interesse de preservar a fazenda.

Para quê? S. Bernardo é uma pinóia. Falo como amigo. Sim senhor, como amigo. Não tenciono ver um camarada com a corda no pescoço. Esses bacharéis tem fone canina, e se eu mandar o Nogueira tocar fogo na binga, você fica de sacos nas costas. Despesa muita, Padilha. Faça preço. (RAMOS, 2000, p. 22)

Graciliano Ramos (2000, p. 23) evidencia os obstáculos enfrentados no processo de negociação entre Honório e Padilha referentes à posse da Fazenda São Bernardo. As tratativas não culminaram em um acordo, sobretudo devido à disparidade entre os valores propostos por Honório — consideravelmente inferiores — e os estipulados por Padilha, o que gerou um impasse.



Padilha, inicialmente, solicitou a quantia de oitenta contos, o que suscitou reação de repulsa por parte de Honório, expressa em tom de irritação. Ao longo das negociações, a relação entre os interlocutores deteriorou-se, assumindo um caráter conflituoso, marcado por ofensas e mecanismos de coação.

Honório, recorrendo a estratégias retóricas de pressão, lembrava continuamente favores outrora prestados a Padilha, que, por sua vez, encontrava-se em condição financeira precária e impossibilitado de liquidar suas dívidas.

Dessa forma, Padilha foi compelido a aceitar uma proposta que privilegiava unilateralmente os interesses de Honório, o qual demonstrava total insensibilidade diante da situação de vulnerabilidade do outro agente envolvido na negociação.

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele enfiou o rabo na ratoeira e assinou as escrituras. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não Tive remorsos. (RAMOS, 2000 p.24)

Com isso, o contexto da obra *São Bernardo*, Graciliano Ramos constrói um retrato incisivo da figura de Honório como símbolo da elite rural brasileira, marcada pela insensibilidade, pela ambição desmedida e pela exploração das relações humanas.

Ao não demonstrar qualquer vestígio de remorso ou compaixão diante da ruína financeira de Padilha, Honório reafirma sua total ausência de empatia e consolida seu objetivo maior: apropriar-se da Fazenda São Bernardo.

Essa aquisição não representa apenas a realização de uma ambição pessoal, mas a transformação da fazenda em um espaço de dominação e exploração — não só do trabalho braçal, mas também das subjetividades humanas, atravessadas por sentimentos como o ciúme e o desejo de poder.

Assim, o protagonista configura-se como expressão do autoritarismo que permeia as estruturas sociais patriarcais, revelando as tensões entre posse, poder e moralidade no Brasil agrário da primeira metade do século XX.

Após a aquisição da fazenda São Bernardo (Graciliano, 2000, p. 26), Paulo Honório, enquanto novo proprietário das terras em questão, iniciou procedimentos voltados à regularização fundiária. Em primeiro lugar, dirigiu-se ao vizinho Mendonça — titular das propriedades contíguas — solicitando uma reavaliação dos limites entre as respectivas áreas, tendo em vista indícios de avanço indevido sobre os domínios da São Bernardo.

Diante da possibilidade de impasse, sinalizou recorrer à via legal, com o acionamento de advogado e agrimensor para delimitação precisa das fronteiras. A despeito dessa disposição, observa-se que sua intenção primordial naquele momento não era fomentar conflitos, mas sim assegurar a reintegração das parcelas de terra sob posse indevida de Mendonça, visando a consolidação de seu domínio territorial. “-



Depende do senhor. Os limites atuais são provisórios, já sabe? É bom esclarecermos isto. Cada qual no que é seu. Não vale a pena concertar a cerca. Eu vou derruba-la para acertamos onde deve ficar.” (RAMOS, 2000, p. 25).

Com isso, Paulo Honório bota em prática seus pensamentos, ouve as sugestões de Casimiro Lopes que o direciona a ações prudentes, principalmente sobre as terras recém adquiridas. Depois de ajustes, Paulo Honório teve um péssimo ano, plantou mamona e algodão o que não lhe deu lucro, pois a safra não foi significativa, nesse período, Paulo Honório passou por certas dificuldades se esforçando para não ir ao fundo do poço, como defende Ramos (2000, p. 27).

Assim, percebe-se que a trajetória de Paulo Honório rumo à posse da Fazenda São Bernardo não se dá apenas por meio de transações econômicas, mas por uma forma de poder enraizada na manipulação, na violência simbólica e na exploração de vulnerabilidades humanas.

O protagonista não conquista terras: ele subjuga histórias, apaga memórias e reorganiza territórios segundo sua lógica individualista e autoritária. A Fazenda torna-se, então, o emblema da dominação moderna, onde o capital se sobrepõe ao afeto, e o sucesso material se constrói sobre ruínas emocionais e sociais.

A ausência de remorso diante da destruição de Padilha e a frieza na reconfiguração dos limites territoriais reafirmam a cosmovisão utilitarista e desumanizante de Paulo Honório, revelando, com precisão, o retrato cru e sem adornos da elite rural brasileira no início do século XX. Esse desfecho consolida o personagem como síntese de um sistema que naturaliza a opressão e transforma relações sociais em mecanismos de posse e exclusão.

6 A COSMOVISÃO MACHISTA E O PROCESSO DE “COISIFICAÇÃO” DA MULHER.

Desde o início de sua trajetória, Paulo Honório revelava indícios de uma personalidade rude e cínica, marcada por uma aparência austera e comportamento satírico e violento, conforme Nóbrega e Santos (2012, p. 04) “A partir do início da obra, já se esboçam alguns traços identitários do personagem principal: o autoritarismo, a determinação, a pressa de conquista e, sobretudo, o desejo de poder.”

O egoísmo de Paulo Honório transparece até mesmo na produção autobiográfica que empreende: ele constrói uma narrativa solitária, onde não admite a interferência de terceiros, apresentando sua visão como verdade absoluta.

Após o casamento, sua inquietação pelo poder permanece intacta. A relação com Madalena, à primeira vista equilibrada como uma moeda de dois lados, logo revela profundas tensões. Madalena — instruída, articulada e com sensibilidade social — representava o oposto do marido.

Seu posicionamento crítico e sua atuação ativa incomodavam Paulo Honório, que enxergava nela uma ameaça à sua autoridade. Ele impunha a lógica de que apenas ele poderia decidir, negando à esposa



qualquer poder de contestação, o que evidencia seu perfil autoritário e sua incapacidade de lidar com figuras femininas independentes.

- O Padilha, chegue cá, disse-lhe de manhã no jardim, onde ele colhia flores. Ninguém aqui está preso. Se o serviço lhe desagrade, é arribar. – Por quê, seu Paulo? exclamou Luís Padilha atordoado.
- Ora, por quê! Apanhando flores, homem! Olhe o relógio. - Foi Madalena que mandou tirar umas rosas. - Você é jardineiro? A d. Madalena não dá ordens. Você me anda gastando muito tempo com falatórios! (RAMOS, 2000, 125)

Graciliano Ramos (2000, p. 128) evidencia, em *São Bernardo*, que personagens com pensamento social eram marginalizados ou vistos como alienados, vivendo “no mundo da lua”, como acontece com o padre Silvestre e Madalena. Em uma noite, ambos se reúnem para discutir política, ocasião em que o padre critica duramente o governo vigente. Durante essa conversa, o trabalhador Ribeiro menciona que tinha apenas um pedaço de pão, em resposta à fala de Madalena — revelando, com simplicidade, a realidade de sua privação.

Era notório o quanto ela interessava-se pela vida dos empregados, discutia as baixas condições de vida de alguns, questionava as ações e intenções do marido e que por este motivo torna-se motivo de grandes preocupações dele, já que o narrador-personagem possuía ações antagônicas às da mulher que ele idealizava ter. (SIQUEIRA, 2019, p. 26)

Essa troca desperta em Paulo Honório uma sensação de inquietação e desconfiança, conforme aponta o autor (RAMOS, 2000, p. 131), revelando sua resistência a qualquer discurso que ultrapasse a lógica da produtividade e do controle. “Madalena procurava convence-lo, mas não percebi o que dizia. De repente invadiu-me uma espécie de desconfiança. Já havia experimentado um sentimento assim desagradável. Quando?”

Como conservadores marcados por um certo extremismo religioso, os personagens da obra demonstram intolerância frente à pluralidade de ideias — com exceção de Madalena, que foi subjugada por eles ao declarar que talvez não tivesse religião. Essa postura crítica dela a torna alvo de julgamento.

Em meio a esse contexto, Paulo Honório, tomado por um ciúme possessivo e pela obsessão de estar sendo enganado, flagra Madalena sorrindo para Nogueira. O episódio intensifica ainda mais seus sentimentos de desconfiança e insegurança, revelando a fragilidade emocional que o acomete.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes. (RAMOS, 2000, p. 133).

O sentimento de raiva incontrolável também se revela quando Ramos (2000, p. 134) evidencia o desejo de Paulo Honório em “agarrar Padilha pelas orelhas e deita-lo fora a pontapés”. Embora motivado



pelo desejo de vingança, Paulo Honório deixou de pagar o funcionário por quatro meses e o confinou na escola, onde Padilha passou a viver e dormir, sob constante humilhação.

A construção da escola por Paulo Honório teve como objetivo agradar à cúpula política da região, e não por preocupação genuína com a sociedade. Nesse cenário, Madalena, em contraponto ao protagonista, mostra-se uma figura esclarecida e engajada socialmente, colaborando intensamente com as atividades da escola. O preconceito contra a mulher torna-se evidente quando Silveira, cuja visão está alinhada à de Paulo Honório, expressa seu pensamento sobre as mulheres sabidas.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mais intimamente, com as cortinas cerradas, dizem: - Me auxilia, meu bem. (RAMOS, 2000, p. 135)

A ignorância e o preconceito levaram Paulo Honório a acreditar que “Madalena, propriamente, não era uma intelectual” (RAMOS, 2000, p. 135). O simples fato de Madalena manter diálogo com os empregados despertava nele uma fúria descontrolada. Consumido pela suspeita de uma possível traição, Paulo Honório alimentava um tormento interno que também afetava profundamente Madalena — faltava-lhe apenas uma prova concreta.

Ao observar Madalena escrevendo uma carta, Paulo Honório viu, ainda que parcialmente, o endereço do destinatário: Azevedo Gondim. Tomado por raiva e violência, tentou arrancar a carta à força. Madalena, em um ato de resistência, conseguiu protegê-la e a escondeu de Paulo Honório, que reagiu com gritos e desespero em direção à D. Glória e Madalena.

- Vá amolar a puta que a pariu. Esta mouca, aí com sua carinha de santa? É isso: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha, compreende? Puta que pariu as duas. D. Glória fugiu com o lenço nos olhos. – Miserável! Brandou Madalena. E eu só sabia dizer: - mostre a carta, perua. Madalena rasgou o papel em pedacinhos e atirou-os pela janela: - Miserável! Saiu como um redemoinho. No corredor ainda gritou: - Assassino!

A vida de Madalena tornou-se insuportável diante das injúrias e do ciúme provocados por seu pensamento crítico, o que intensificou o sofrimento da personagem. Nesse contexto, a violência psicológica praticada por Paulo Honório teve como vítima sua própria esposa. A obra de Ramos (2000) denuncia de forma contundente a gravidade da violência contra a mulher — seja física ou psicológica — e alerta para os riscos à saúde mental que esse tipo de abuso pode causar, incluindo o suicídio, como ocorreu tragicamente com Madalena.



violência doméstica contra a mulher é qualquer ação ou conduta que cause morte, constrangimento, dano ou sofrimento físico, sexual, psicológico, moral ou simbólico à mulher, no âmbito doméstico, ou seja, em seu espaço domiciliar. ... violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo se refere a toda forma de manifestação de agressividade, ou seja, em sua versão física, sexual, psicológica ou moral, provocada por um cônjuge, companheiro, amante, namorado ou qualquer parceiro íntimo, mas comumente ocorrendo, embora não necessariamente, no espaço privado do domicílio (OSTERNE (2005, p. 58).

O comportamento de Paulo Honório revela uma violência agressiva e devastadora, que empurra Madalena para um estado de profunda tristeza e depressão. Ele impõe limites ao seu convívio social e à sua liberdade, acreditando que, para que uma mulher “se dê ao respeito”, é preciso que se submeta inteiramente ao marido.

Essa visão deturpada transforma o afeto em posse e a convivência em domínio, ferindo a dignidade e a liberdade de Madalena. Nesse sentido Moreira, Boris e Venâncio (2011, p. 400), evidenciam que “Assim, a violência praticada por parceiros íntimos contra as mulheres é sempre percebida por elas como uma situação indesejável”, por isso a relutância de Madalena em resistir a opressão de Paulo Honório.

No entanto, ela não aceita esse tipo de relação autoritária. Sua resistência, ainda que discreta, representa um grito abafado contra a opressão e contra os valores patriarcais que tentam silenciar sua identidade. Graciliano Ramos, ao construir essa tensão entre os personagens, evidencia não apenas os conflitos de um casamento, mas a crítica pungente aos modelos sociais que perpetuam o controle sobre o feminino, tornando Madalena símbolo de integridade e coragem frente à tirania disfarçada de tradição.

A insistência de Foucault na alteridade que caracteriza essas contracondutas não é acidental: a resistência, de fato, nunca surge no vácuo, mas é sempre relativa a algo ou alguém – a resistência sempre visa mudar, modificar, transformar uma situação específica, em para que o indivíduo seja conduzido (ou conduza a si mesmo). (LORENZINI, 2016, p. 11).

A resistência de Madalena era inicialmente desconhecida por Paulo Honório, cuja trajetória o acostumara a obter tudo o que desejava—se não pelo dinheiro, pela força, pela violência ou pela astúcia. Nesse contexto, a oposição de Madalena, fundamentada em valores éticos, sociais e no pensamento científico, representava um universo inexplorado por ele.

A alienação e a formação limitada de Paulo Honório o impediam de compreender uma cosmovisão mais ampla, centrada no coletivo e no diálogo. É nesse ponto que Lorenzini (2016), ao recorrer ao pensamento de Foucault, destaca que toda resistência emerge de uma força, de uma presença, e está inserida num discurso pré-moldado. Madalena, portanto, projeta essa resistência como parte essencial de sua própria existência.

Movido inicialmente pelo preconceito e pela intensa sensação de ciúmes, Paulo Honório sobe à torre da igreja e observa Madalena escrevendo uma carta. Diante da cena, exclama: “em que estará pensando



aquela burra? Escrevendo, que estupidez!”, revelando seu desprezo pela escrita, pela educação e pela autonomia intelectual feminina.

Sua limitação cultural o impede de compreender o conteúdo da carta, que traz termos desconhecidos para ele. Ao confrontar Madalena, demonstra frustração e espanto, aprofundando o abismo entre o autoritarismo masculino e a resistência silenciosa da esposa.

- Meia volta, gritei segurando-lhe um braço. Temos negócio. – Ainda, perguntou Madalena. E deixou-se levar para a escuridão da sacristia. Acendi uma vela e, encostando-me à mesa carregada de santos, sobre o estrato onde padre Silvestre se paramenta em dias de missa: - Que estava fazendo aqui? Rezando? É capaz de dizer que estava rezando. – Ainda? Repetiu Madalena. Esperei que ela me sacudisse em desaforos, mas enganei-me.

Paulo Honório não sabia que vivia os últimos instantes ao lado de Madalena. Dominado por ciúmes e incompreensão, acusou-a de escrever uma carta e se inquietava ao imaginar para quem seriam aquelas palavras silenciosas. Madalena, serena, mas abalada, explicou que uma das cartas havia voado para o escritório e que não se opunha à leitura. Pediu perdão caso o tivesse magoado e fez um último pedido: que Paulo Honório fosse amigo de sua tia.

Ele, sempre distante e indiferente, costumava deixá-la sozinha e sair para o trabalho. Até que um dia, ao retornar, ouviu gritos desesperados. Madalena havia se suicidado — sufocada pela solidão e pelo tormento emocional imposto por ele. A bela jovem que um dia iluminou sua casa com leveza já não estava viva.

Talvez pela opressão que sofrera durante todos os anos que passou casada com Paulo Honório ou mesmo pelo modo patriarcalista de pensar em relação aos direitos e deveres de mulher e marido naquela época em que foi escrito o romance, Madalena, pelo menos aparentemente, consciente ou inconscientemente cede ao processo de —coisificação em que o marido a submeteu e aceita ser objeto de reificação do narrador, uma vez que permaneceu casada com ele e que isso só cessou no momento de sua autoimolação. (SIQUEIRA, 2019, p. 25)

A morte de Madalena é resultado direto do modo possessivo e autoritário com que Paulo Honório conduzia a relação. Desde o início, ele a tratava como um objeto que devia se encaixar em seus moldes, não como uma pessoa com sentimentos, desejos e autonomia. Sua obsessão por controle refletia não apenas um comportamento individual, mas uma mentalidade patriarcal da época, onde o homem detinha poder absoluto sobre a mulher.

Madalena, sufocada por essa opressão, acabou cedendo, consciente ou inconscientemente, ao processo de “coisificação” que Paulo impunha — aceitou ser uma presença decorativa, anulada, até que já não suportou mais. Seu silêncio, seus pedidos tímidos de compreensão, foram ignorados.



A indiferença de Paulo, somada ao seu desprezo pela subjetividade e intelectualidade da esposa, criou uma atmosfera insuportável, culminando em sua morte por suicídio. Assim, a culpa de Paulo Honório não é apenas moral; é estrutural e afetiva, pois ele encarnava um sistema que destruiu Madalena por dentro.

7 CONCLUSÃO

A análise crítica da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, permite compreender com profundidade como a narrativa autobiográfica de Paulo Honório transcende os limites do romance regionalista e se insere em um sistema discursivo que revela, denuncia e perpetua estruturas de poder, violência e dominação patriarcal. A pesquisa realizada demonstra que o protagonista não é apenas um indivíduo marcado por brutalidade e insensibilidade, mas sim a personificação de um modelo social autoritário, utilitarista e excludente, que opera por meio de práticas discursivas naturalizadas e estratégias de controle que afetam diretamente as subjetividades dos personagens ao seu redor.

A leitura da obra à luz das teorias de Michel Foucault e Gilles Deleuze permite identificar que o poder, longe de ser uma força concentrada ou institucionalizada, circula de forma difusa, atravessando relações cotidianas, moldando comportamentos e legitimando violências que se manifestam tanto no plano físico quanto simbólico. Paulo Honório é construído como um sujeito alienado, cuja formação intelectual é limitada ao saber técnico e pragmático, voltado exclusivamente para o acúmulo de bens e a administração da fazenda São Bernardo. Sua ignorância literária e desprezo pelo conhecimento crítico revelam uma lógica de dominação que transforma o saber em instrumento de exploração, e não de emancipação.

Ao longo da narrativa, sua trajetória é marcada por atos de violência estratégica, manipulação emocional e coerção simbólica, evidenciando que sua autoridade não se sustenta apenas pela força, mas pela capacidade de afetar, ordenar e excluir. A violência, nesse contexto, é apresentada como técnica de governo, como ação sobre ações, como forma de moldar condutas e silenciar resistências, conforme apontado por Foucault. A brutalidade de Paulo Honório não é um desvio moral, mas uma prática legitimada por uma estrutura social que naturaliza a opressão e transforma relações humanas em mecanismos de posse e exclusão.

A relação com Madalena constitui o núcleo mais pungente da crítica social presente na obra. A personagem feminina, instruída, sensível e engajada, representa uma ameaça à lógica autoritária do protagonista, que não admite contestação nem autonomia por parte da mulher. Madalena é gradualmente submetida a um processo de “coisificação”, sendo transformada em objeto de posse, anulada em sua subjetividade e silenciada em sua resistência. Sua morte por suicídio é o desfecho trágico de uma relação marcada pela violência psicológica, pelo ciúme possessivo e pela incompreensão afetiva.

A pesquisa evidencia que Madalena não sucumbe apenas à brutalidade de Paulo Honório, mas a um sistema patriarcal que legitima a submissão feminina e marginaliza qualquer forma de pensamento crítico



vindo do feminino. Sua resistência, ainda que silenciosa, representa um grito ético contra a tirania disfarçada de tradição, e sua destruição revela o custo humano da dominação masculina.

Dessa forma, a obra São Bernardo emerge como um território ético e político de leitura, onde a literatura se articula com o pensamento crítico para desvelar os mecanismos sutis e estruturais do poder. A pesquisa conclui que a narrativa de Paulo Honório não é apenas uma confissão amarga de fracasso pessoal, mas um testemunho da desumanização promovida por uma sociedade que valoriza o capital acima do afeto, a autoridade acima da empatia, e a dominação acima do diálogo.

Ao iluminar as tensões entre saber, poder e subjetividade, o estudo reafirma a importância de revisitar obras do cânone literário à luz das problemáticas contemporâneas, reconhecendo na ficção um espaço privilegiado de denúncia, reflexão e transformação. São Bernardo, portanto, não apenas se lê — interpela, provoca e exige posicionamento, tornando-se uma ferramenta potente para compreender e questionar as estruturas que ainda hoje sustentam a exclusão, a violência e a desigualdade.



REFERÊNCIAS

REVISTAS.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 26ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008, p. 179-191.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26–34, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/ZmhGpGCB8DnzGYmRBfGWNLY/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GONÇALVES, Rogério Gustavo. O poder do discurso e o discurso do poder em São Bernardo. In: GONÇALVES, R. G. Dialogismo e ironia em São Bernardo, de Graciliano Ramos [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 43–65. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ccfq2/pdf/goncalves-9786557144978-04.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2025.

LORENZINI, Daniele. From Counter-Conduct to Critical Attitude: Michel Foucault and the Art of Not Being Governed Quite So Much. In: *Foucault Studies*, 2016, n.21, p. 7-21. Disponível em: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/5011>, Acesso: 26 de jul. 2025.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 295–303, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/4xyhTgzY4CpZ8W5xmV78JJS>. Acesso em: 25 jul. 2025.

NÓBREGA, Geralda Medeiros; SANTOS, Alexandre Oliveira dos. O poder (circulante) em São Bernardo, de Graciliano Ramos: um recorte foucaultiano. In: ENCONTRO DA ABRALIC, 13., 2012, Campina Grande. Anais.... Campina Grande: UEPB/UFCG, 2012. Disponível em: https://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2012_1434225034.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

OSTERNE, M. S. F. (2005). Violência nas relações de gênero e cidadania feminina: análise das ocorrências na Delegacia de Defesa da Mulher em Fortaleza. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 69. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2000.

SANT'ANA, Aline Silva Alfredo. Escrita e invenção de si em São Bernardo: a história de Paulo Honório. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33464/4/EscritaInven%C3%A7%C3%A3oSi%20.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.